

A experiência indiana: crescimento predatório e manutenção da pobreza

*The Indian experience:
predatory growth and sustained poverty*

Marcos Costa Lima¹

1. Professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco, no Departamento de Ciência Política.

RESUMO

O artigo se divide em quatro partes. A primeira parte comenta aspectos da dimensão colonial e, no caso específico, de como Karl Marx percebeu o processo colonial a partir da Índia e da China. Em segundo lugar, busca articular as questões estruturais relativas à situação colonial, com uma perspectiva contemporânea da Índia, expressa por um pequeno e contundente livro sobre o País. Em terceiro lugar, são estabelecidos dados estatísticos comparativos entre os BRICS e a Índia em particular. Em quarto lugar, indicações de que a chamada “modernização” conservadora pelo qual passou o País nos últimos trinta e quatro anos, reproduz a pobreza e a violência contra os despossuídos, através de um modelo econômico predatório, concentrador de renda e inepto, enquanto combate à corrupção, que se torna larvar na Índia. Finalmente, algumas conclusões são estabelecidas.

Palavras-Chave: Índia; dimensão colonial; Índia e os BRICS; modernização; pobreza; crescimento predatório

ABSTRACT

The article is divided into four parts. The first part comments aspects of the colonial dimension, in the specific case, of how Karl Marx understood the colonial process from India and China. Secondly, it seeks to articulate the structural issues related to the colonial situation, with a contemporary perspective of India, expressed by a small and hard-hitting book, a novel about the country. Thirdly, comparative statistics are established between the BRICS and India in particular. Fourth, evidences that the so called “conservative modernization” has gone through the country in the last thirty-four years, reproducing poverty and violence against the dispossessed, through a predatory economic model, income concentration and inept as fighting corruption, which is deep rooted in India. Finally, some conclusions are established.

Key-Words: India; colonial dimension; India and the BRICS; modernization; predatory growth.

Recebido em:
20 de setembro de 2013
Aprovado em:
05 de novembro de 2013

“The challenges faced in India are similar to those faced elsewhere when it comes to planetary survival. But the crisis of poverty, violence against women and political violence are more intense in India. Yes, things are changing for Indian farmers but in a tragic way. The most significant threats have come from urbanization and corporate influence over government policies, which led to land grabbing and farmers’ suicides. More than 284,000 farmers have committed suicide in India since 1995 due to debt.”

Vandana Shiva, Fundadora do Movimento Eco-Feminista Navdanya, The Wall Street Journal’s India Real Time, Outubro 01, 2013

Introdução

É sempre difícil escrever sobre um país que não é o seu. Toda cautela é importante, mesmo se você já visitou o mesmo, acompanha suas notícias pelos jornais, tem um razoável conhecimento de determinada literatura específica e autores considerados relevantes no país. Falta o cotidiano, de como se enfrentam os graves problemas, pelo Estado, sociedade, grupos específicos. Por mais que as estatísticas estejam disponíveis. É sempre uma percepção parcial, incompleta. Neste sentido, gostaria de abrir esse texto com esses esclarecimentos de prudência.

O artigo se divide em três partes. A primeira, ou a introdução, comenta aspectos da dimensão colonial e, no caso específico, de como Karl Marx percebeu o processo colonial a partir da Índia e da China. Em segundo lugar, busca articular as questões estruturais relativas à situação colonial, com uma perspectiva contemporânea da Índia, expressa por um pequeno e contundente livro sobre o País. Em terceiro lugar, são estabelecidos dados estatísticos comparativos entre os BRICS e a Índia em particular. Em quarto lugar, indicações de que a chamada “modernização” pelo qual passou o País nos últimos trinta e quatro anos, reproduz a pobreza e a violência contra os despossuídos, através de um modelo econômico predatório, concentrador de renda e inepto enquanto combate à corrupção, que se torna larvar na Índia. Finalmente, algumas conclusões são estabelecidas.

Sobre o Colonialismo

Escrevendo sobre o Colonialismo, nos anos de 1850, e em particular sobre o domínio Britânico na Índia, Karl Marx nos apresenta um quadro nada edificante sobre esta presença:

“Não há dúvida, contudo, de que a miséria ocasionada no Indústão, pela dominação britânica, tenha sido de natureza muito distinta e infinitamente superior a todas as calamidades experimentadas até então pelo país(...) o invasor britânico acabou com o tear de mão e destruiu o torno de fiar. A Inglaterra começou por desalojar dos mercados europeus os tecidos de algodão da Índia; depois levou o fio de barbante para a Índia e terminou por invadir a pátria do algodão com tecidos de algodão(...) durante este período a população de Dacca se reduziu de 150.000 habitantes para 20.000. Essa decadência de cidades da Índia, que haviam se tornado célebres por seus tecidos, não pode ser considerada como a pior consequência da dominação inglesa. O vapor e a ciência britânica destruíram em todo o Indústão a união entre agricultura e a indústria artesanal”. (Marx, 1973, p.24-30)

Em uma nota de artigo que Marx escreveu para o New York Daily Tribune em 1853², o filósofo faz menção à Companhia britânica de la Índia Oriental, fundada em 1600. Diz ele:

2. Marx, 1973, p.7-15.

“seus agentes estabeleceram na Índia um quantidade de feitorias. No final do século XVII a companhia começou a apoderar-se do território indiano. Durante o século XVIII e a primeira metade do século XIX empreendeu sangrentas guerras de conquista em Karnataka, Bengal Sindhi, Punjab e outras regiões da Índia, com o resultado de que, em meados do século XIX, quase toda a Índia se encontrava em seu poder. Mediante a fraude, a extorsão, a violência e o saque, sem mais, seus homens de negócios se apoderaram de imensas riquezas, que transferiram a Inglaterra, fazendo assim fabulosas fortunas. O governo britânico outorgou à Companhia das Índias orientais o direito a monopolizar o comércio com a Índia e a China, e também o de governar a Índia e a cobrar impostos à população. O parlamento britânico renovou periodicamente a Carta da Companhia da Índia oriental, que definia seus privilégios administrativos e comerciais... Em 1858, por um edito especial da rainha Victória, a Companhia da Índia oriental foi dissolvida e suas funções transferidas à Corôa”. (Marx, 1973, p.329.)

Iniciar um artigo sobre a Índia Contemporânea citando Karl Marx se justifica em grande medida pelo *oblivion* da história nos tempos atuais. Esta redução da realidade a interpretações sincrônicas, obscurecem o entendimento dos países que viveram a dinâmica e o domínio coloniais. No caso específico da Índia, esse processo só foi concluído em 1947, quando deu-se a independência do jugo britânico, após décadas de lutas nacionalistas. Já nos anos 20, o advogado Mohandas Gandhi, do Partido do Congresso, que pregava a resistência pacífica, desencadeia um amplo movimento de desobediência civil a boicotar os produtos britânicos e a recusar o pagamento dos impostos. Junto a Nehru e um amplo grupo de intelectuais, indústrias e políticos, acabam por abalar esta estrutura da dominação através de campanhas e marchas sucessivas pelo País.

Para os Metcalf³ (2005) o ano de 1919 foi um divisor de águas no país. Enquanto as reformas Montagu-Chelmsford estavam em vigor, crescia entre os nacionalistas a reivindicação pelo ‘*swaraj*’, o auto-governo, prenunciando um período em que os indianos iriam mais e mais lutar pela determinação de seu próprio destino. Este ano também trouxe a repressão e a catástrofe do massacre de Amritsar, cidade sagrada da religião Sikh, onde 379 indianos nacionalistas desarmados foram fuzilados pelas tropas inglesas num parque da cidade. A violência propagou o movimento pela libertação, quando Gandhi lança o *movimento de não cooperação e não violência*. Nehru, por sua vez, mesmo aderindo ao movimento, não compartia das mesmas idéias de Gandhi, a respeito da vida frugal e das tecnologias manuais e da vida de pastoreio. Jawarhalal Nehru, ainda jovem, tinha inclinações socialistas e em 1936 faz um depoimento ao Congresso:

“Eu não vejo uma forma de acabar com a pobreza, o vasto desemprego, a degradação e a sujeição do povo indiano, exceto pelo socialismo. Isto envolve mudanças amplas e revolucionárias na nossa política e estrutura social... o fim da propriedade privada, exceto em um sentido restrito, e a substituição do atual sistema de lucros por um alto ideal de serviço corporativo. Se o futuro é cheio de esperanças é amplamente por causa da Rússia Soviética e o que ela tem feito”. (Metcalf & Metcald, 2005. p.174.)

Seguramente, o modelo político indiano de transformação carregou consigo estas duas expressões de pensamento, o combate a pobreza e uma aproximação com o socialismo.

A esperança, de que fala Nehru, fica bem demonstrada quando observamos o quadro da evolução da população na Índia, em quatro fases muito distintas, sobretudo a partir de 1951. Até 1921, a população do país passa de 236 a 251 milhões, ou seja, uma taxa anual de 0,19%. A segunda

3. Metcalf & Metcald, 2005.

fase, de 1921 a 1951, quando a Índia já está liberta dos ingleses, a taxa de crescimento sobre para 1,2% ao ano, com queda da mortalidade. A terceira fase, que vai de 1951 a 1981, dá-se um pico de crescimento natural de 2,1% por ano, que acrescenta 322 milhões de pessoas em um país que já contava 361 milhões em 1951. Também nesta fase cai a mortalidade. A quarta fase, de 1981 a 2001 vê o crescimento demográfico perder intensidade, mas a população ainda vai crescer 344 milhões de habitantes durante este período (Boilot, 2006, p.31-32).

4. Costa Lima, 2013.

5. Bairoch, 1982, p. 3-17.

Como afirmei em outro artigo⁴, as desigualdades econômicas globais vêm aumentando desde o início da revolução industrial. Paul Bairoch⁵ (1982), que estudou os níveis internacionais de industrialização de 1750 a 1980, afirma que nos vinte anos que vão de 1953 à crise do petróleo em 1973, auge do ciclo virtuoso de crescimento, a produção industrial mundial foi comparável em volume à de todo o século e meio que separava 1953 de 1800. Não obstante, **o comércio internacional** na primeira metade do século XX ainda apresentava uma escala irrisória, se comparado ao salto quantitativo ocorrido a partir de 1960 (Bairoch, 1982). Em que pesem estes espetaculares avanços na produção e no comércio mundial, se tomarmos o início da revolução industrial, as diferenças de renda *per capita* entre a Europa Ocidental e a periferia não ultrapassava 30 por cento (Bairoch, 1981). Em 1820, a renda *per capita* dos países mais ricos era 3 vezes maior do que os mais pobres. Em 1870, foi 7 vezes; em 1913 era 11 vezes maior e em 1960, 30 vezes mais. Em 1997, um quinto da população mundial que vive nos países mais ricos era 74 vezes mais ricos que o um quinto da população nos países mais pobres. (PNUD, 1999, p. 3).

6. Datt & Ravallion, 2002, p. 89-108.

No caso indiano, a pobreza, sem entrar em maiores discussões sobre o conceito, sempre foi alta, mas os dados coligidos no 55º Round (1999-2000) do National Sample Survey, apontam para 26% da população do país vivendo abaixo do nível de pobreza extrema, ou seja, 260 milhões de pessoas. (Boilot, 2006, p. 59). Por um outro método, e no mesmo ano, foram encontrados números mais elevados, representando 28,6% da população⁶ (Datt e Ravallion, 2002). Finalmente, se tomarmos os dados do último estudo do Banco Mundial, o Atlas do desenvolvimento Global de 2013 e que detalharemos na próxima sessão deste artigo, a Índia contava, entre 2005-2010, com 568 milhões de pessoas vivendo com até 1,25 dólares/dia⁷.

7. World Bank, 2013, p.30.

O Tigre Branco

8. Adiga, 2008.

Tendo começado este artigo através das reflexões históricas e Marx sobre o Colonialismo, gostaria de atualizar a discussão com comentários feitos a partir de uma obra, um romance de estréia do indiano Aravind Adiga e que foi vencedor do *Man Booker Prize 2008*⁸.

Foi Edward Said quem nos ensinou que

“Longe de ser um plácido reino do refinamento apolíneo, a cultura pode até ser um campo de batalha onde as causas se expõem à luz do dia e lutam entre si, deixando claro, por exemplo, que, dos estudantes americanos, franceses ou indianos ensinados a ler *seus* clássicos nacionais antes de lerem os outros, espera-se que assumam e pertençam, de maneira leal, e muitas vezes acrítica, às suas nações e tradições, enquanto denigrem e combatem as demais. Ora, o problema com essa idéia de cultura é que ela faz com que a pessoa não só venere sua

cultura, mas também a veja como que divorciada, pois transcendente, do mundo cotidiano”. (Said, 2005, p.14)

Como afirmei em uma análise que elaborei sobre a obra de Said alguns anos atrás, tentando entende-lo como alguém com uma importante contribuição para a política internacional, ele parte de um conceito de cultura abrangente, aquele que designa as artes da descrição, comunicação e representação, com relativa autonomia dos campos econômico, político e social e que, não raro, existe sob a forma estética. Isto inclui tanto o saber popular quanto o conhecimento especializado de disciplinas como Etnografia, Historiografia, Filologia, Sociologia e História Literária. Para ele, a narrativa é crucial, tendo como tese básica a idéia de que as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca de regiões estranhas do mundo, mas que, ao mesmo tempo, elas se tornam um método utilizado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria⁹.

9. Costa Lima, 2008, p.71-94.

O livro de Arvind Adiga é uma sarcástica narrativa da sociedade indiana contemporânea, de seu regime político, seus princípios morais, da corrupção larvar em várias escalas sociais e dos fortes contrastes entre ricos e pobres no País. A trama vai sendo construída a partir de uma carta que o personagem central, Balram Halwai, escreve ao primeiro-ministro da China (2003-2010), Wen Jibao, às vésperas de uma visita oficial à Índia, para entre outras atividades, visitar o espetacular desenvolvimento do setor de software em Bangalore, maior cidade do estado de Karnataka, ao sul do país. O herói então ironiza o fato de que apesar de não ter água potável, de viver com eletricidade intermitente, sem rede de esgoto, transporte público de péssima qualidade, a Índia dispõe de empresários, que implantaram empresas terceirizadas de tecnologia que fazem os Estados Unidos funcionar hoje em dia. Para Balram, o século XXI é um desastre, onde os empresários dormem pouco e cuidam dos negócios o tempo todo, mas profetiza que este século será dos homens de pele amarela e marrom.

A crítica contundente do autor revela o florescimento do capitalismo high tech na Índia, quando economistas das mais prestigiadas universidades dos Estados Unidos e da Índia proclamam a *Shining India* sem levar em conta seja seu passado colonial, seja suas contradições estruturais, não apenas da pobreza, mas do grande número de analfabetos, entre os maiores do mundo, onde uma boa fração de suas mulheres não é alfabetizada, daí decorrendo um conjunto de desigualdades na condição da mulher no país.

Os dados abaixo, para o período 2000-2004, revelam esta situação de inferioridade, mesmo quando considerados os jovens, onde é melhor a situação para o conjunto da sociedade.

Tabela 1 - Indicador de Alfabetização na Índia (em % da população)

	Adultos com 15 anos ou +			Jovens 15 a 24 anos		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
India	61.0	73.4	47.8	76.4	84.2	67.7

Fonte: 2000-2004 data from the Education for All Global Monitoring Report, UNESCO (2006).

10. Kingdon, 2007, p. 03.

Segundo Kingdon¹⁰ (2007), na independência a Índia herdou um legado de analfabetismo em grande escala, bem como a falta de recursos adequados para a educação. No primeiro censo pós-independência, de 1951, apenas 9 por cento das mulheres e 27 por cento dos homens eram alfabetizados. Os autores da Constituição de Índia decidiram então que o novo estado indiano iria se esforçar para oferecer educação gratuita e obrigatória para todas as crianças até aos 14 anos de idade em 1960. Este objectivo acabou não sendo cumprido e o prazo para a sua realização foi adiado várias vezes nos últimos 55 anos. Embora hoje este seja um objetivo por cumprir, tem havido um substancial avanço na participação escolaridade e em outros indicadores de educacionais nos últimos tempos, mesmo considerando todo o atraso comparativo no campo educacional do País. De todo modo, a população de mulheres com mais de 25 anos tendo ao menos o ensino secundário em 2010 não ultrapassava os 26.6% do total, o que indica que ainda há muito por fazer neste aspecto na Índia¹¹.

11. PNUD, 2011.

Mas retomando o nosso *Tigre Branco*, o personagem central da história conta, por meio de e-mails ao primeiro ministro-chinês a sua saga, de alguém que sai de uma casta inferior e os expedientes que utiliza para alcançar a riqueza. Seu sucesso final revela um empenho muito maior, um ato de empreendedorismo, do que o feito pelas altas classes e castas, pois supera dificuldades inerentes ao capitalismo e a um sistema cultural que determina uma quase impossibilidade de mobilidade social. A força da tradição que permite e chancela a exploração de muitos milhões de indianos à pobreza permanente. O *Tigre Branco* faz alusão a um animal raro, apelido que lhe foi dado por um inspetor de escola que percebe como ele é inteligente e se destaca dos demais. Indicado para uma bolsa de estudos, acaba por ser obrigado a dela desistir, pois em razão do dote que deveria ser pago por sua família quando do casamento da irmã, tem que trabalhar e vai fazê-lo numa casa de chá, onde, a ouvir as conversas dos clientes, começa a aprender como funciona a Índia. Acaba por ser desempregado, o nosso anti-herói, por negligência, conseguindo a seguir um novo emprego de motorista – o que não lhe era permitido em razão de sua casta de nascimento, a casta de doceiros. Pela mentira finda por ser contratado por uma família rica e influente de negociantes, do ramo do carvão, envolta em negócios escusos, com práticas de suborno aos funcionários públicos para se livrar dos impostos. Mas a corrupção não é exclusividade dos ricos, pois Balram lembra de sua infância ainda na escola: “Um dia chegou à escola um caminhão trazendo uniformes que o governo tinha mandado para nós; nunca vimos nenhum deles, mas, uma semana depois, lá estavam aqueles uniformes à venda no vilarejo vizinho”(Adiga, 2008, p. 32). Ou ainda quando comenta sobre as fraudes eleitorais: (...) meu dever cívico (...) que tenho feito em toda eleição geral, estadual e local desde que completei 18 anos. Sou o eleitor mais fiel da Índia, e, mesmo assim, nunca vi uma cabine eleitoral por dentro” (Adiga, 2008, p. 89).

Quantas vezes o nosso herói não leva a casa de altos políticos e até ministros, malas prêtas repletas de dinheiro. Neste emprego vai entender que os poderosos de seu país conquistaram seus postos e fortunas por meio de muita corrupção e exploração e que, para ele, não há outra saída

senão a reprodução destas práticas, o que inclui o assassinato. A vontade de ascender exige a quebra de regras morais e institucionais, de resto não observadas pelos ricos. Não se trata aqui de simplesmente contar uma história, mas de evidenciar que neste processo de altas taxas de crescimento econômico, a Índia concentra renda, riqueza e poder, onde os 20% mais ricos acabam detendo 46% da riqueza do país e onde os 20% mais pobres só conseguem reter 8% do produto¹².

12. Costa Lima, 2012.

Concluo estes comentários incitando o leitor a conhecer este amplo painel sociológico e cruel da sociedade indiana contemporânea. O périplo de alguém que sai da escuridão (pobreza) para a luz (a riqueza) é uma forte metáfora para a Índia onde exacerbasse o neoliberalismo.

Como um drama hamletiano – *há algo de podre no reino da Dinamarca* – e ao mesmo tempo com um deboche ácido, próximo à crueldade, o nosso anti herói estabelece uma conclusão sobre os milhões de indianos que aceitam passivamente suas vidas de “homens meio crus”, a partir da *teoria da gaiola dos galos*:

“A coisa mais importante que se inventou neste país, nos seus dez mil anos de história, foi a Gaiola dos Galos. Vá à velha Deli, atrás da mesquita de Jama Masjid para ver como as aves são exibidas no mercado. São centenas de galinhas pálidas e galos de cores brilhantes, todos enfiados em gaiolas de teia de arame, apertados ali dentro como vermes numa barriga, bicando uns aos outros, cagando uns nos outros, brigando só para arranjar espaço para respirar. A gaiola tem um fedor impressionante, um fedor de carne emplumada e apavorada. Num balcão de madeira, por cima dessa gaiola, fica um jovem açougueiro sorridente, exibindo a carne e os órgãos de uma galinha recém abatida (...) os galos que estão na gaiola sentem o cheiro de sangue que vem do alto. Vêm os órgãos dos irmãos ao seu redor. Sabem que serão os próximos. Mesmo assim não se rebelam. Não tentam escapar da gaiola. É exatamente a mesma coisa que se faz com os seres humanos neste país (...) Todo dia, pelas ruas de Deli, um motorista vai dirigindo um carro vazio, com uma maleta preta instalada no banco de trás. Dentro desta maleta, há um ou dois milhões de rúpias: mais do que ele vai ter durante a vida toda. (...) mesmo assim ele leva a maleta preta para onde o patrão mandou. Deixa ela onde deve deixar, e jamais pega uma rúpia. Por quê? Porque os indianos são o povo mais honesto do mundo, como informa o panfleto que o nosso primeiro-ministro vai lhe dar? Não. É porque noventa e nove vírgula nove por cento de nós estamos presos na Gaiola dos galos, exatamente como aqueles pobres coitados lá no mercado (...) A confiabilidade dos empregados é a base da economia da Índia. A Grande Gaiola dos Galos indiana. (Adiga, 2008, p. 145-146).

Dados Mundiais Comparados por Região, por BRICS e a Índia em particular

Em 2013, o Banco Mundial lançou o seu *Novo Atlas do Desenvolvimento*¹³, onde é possível estabelecer alguns parâmetros comparativos em termos gerais sobre a evolução e transformação seja de regiões seja de países em escala global: Econômicos (PIB e PIB per capita; Investimento Direto Externo, Agricultura); Sociais (pobreza; expectativa de vida, mortalidade infantil, desigualdade, educação, saúde, acesso a água potável) e Ambientais (consumo de energia, reservas florestais). O documento nos ajuda também por podermos cotejar alguns indicadores dos BRICS e ainda sobre a Índia em particular.

13. World Bank, 2013.

Por certo, uma comparação quantitativa entre países deixa de fora muitos aspectos da vida social – a exemplo os desníveis regionais infra-nacionais, as questões de ordem política ou culturais – sobre as quais

procuraremos tratar no decorrer do trabalho, sobretudo no que diz respeito à Índia, que é o objetivo central deste capítulo.

Iniciando por um conjunto de **indicadores econômicos**, a tabela 2 diz respeito as 10 maiores economias do planeta em 2011:

Tabela 2 - As 10 maiores economias em 2011

Ordem	País	PIB/PPP (\$USD bilhões)
1°	EUA	15.232
2°	China	11.325
3°	Japão	4.539
4°	Índia	4.488
5°	Alemanha	3.283
6°	Federação Russa	2.845
7°	França	2.346
8°	Reino Unido	2.316
9°	Brasil	2.261
10°	Itália	1.966

Fonte: Atlas of Global Development 2013/World Bank

Tabela 3 - Formação Bruta de Capital como % do PIB (2009/2011)

Países	Percentual do PIB
EUA	15.0
Brasil	20.0
China	47.0
Índia	36.0
Federação Russa	25.0

Fonte: Atlas of Global Development 2013/World Bank

Entre 2009 e 2001, o Leste da Ásia e a região do Pacífico tiveram as mais altas taxas de investimento, acima de 40% do PIB. O Sul da Ásia apresentou investimentos entre 30 e 36 por cento de seu produto. A região da África Sub-Saariana atingiu 20%, a taxa mais baixa entre os países em desenvolvimento, mas ainda assim excedendo os países de alta-renda, com 18%. O total dos investimentos nas regiões sem desenvolvimento atingiu US\$6.4 trilhões em 2010, cerca de 80% do nível de investimento nas economias de alta renda¹⁴.

14. World Bank, 2013, p. 80.

Os países em desenvolvimento que atraíram mais Investimentos Externos Diretos líquidos (IEDs) foram:

Tabela 4 - Países em desenvolvimento maiores receptores de IED/2010

Ordem	País	USD bilhão
1	China	185.1
2	Brasil	48.5
3	Federação Russa	43.3
4	Índia	24.2
5	México	20.2

Fonte: Atlas of Global Development 2013/World Bank

Embora os IEDs tenham sido reduzidos com a crise financeira de 2008, esses fluxos para os países em desenvolvimento cresceram de \$400 bilhões de USD em 2009 para \$587 bilhões de USD em 2010. Os mercados

tidos como emergentes, em particular aqueles do Leste da Ásia e Pacífico tiveram forte crescimento, evidentemente puxados pela China, que recebeu 79% do total desses fluxos, também representando um quarto de todo o fluxo de IED para as economias em desenvolvimento.¹⁵

15. World Bank, 2013, p. 85.

Vale assinalar contudo que a dívida externa dos países em desenvolvimento chegou a 4 trilhões de USD, com as dez maiores economias periféricas responsáveis por 75% do total desta dívida.

Os maiores exportadores e importadores de mercadorias entre os países em desenvolvimento podem ser visualizados na tabela que segue:

Tabela 5 - Os maiores exportadores e importadores de mercadorias entre os Países em desenvolvimento/2010

EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO	
País	USD bilhão	País	USD bilhão
China	1.578	China	1.395
Federação Russa	400	Índia	350
México	298	México	310
Índia	220	Federação Russa	249
Brasil	202	Brasil	191

Fonte: Atlas of Global Development 2013/World Bank

A China é, de longe, o maior exportador e importador de mercadorias entre os países em desenvolvimento. Superando o valor de exportações dos quatro países. Os cinco maiores exportadores em 2010 representam mais da metade das mercadorias exportadas pelas economias em desenvolvimento.

As economias de alta renda continuam sendo a principal fonte e destino do comércio internacional, mas a participação dos países em desenvolvimento é crescente, contando com quase 30% do comércio mundial. Segundo o *Atlas*¹⁶, a China, o México e a Tailândia estão se especializando em bens manufaturados e muitos outros permaneceram como exportadores de alimento, óleo, têxteis e matérias primas. O próprio Brasil que já exportou mais produtos manufaturados, passa a especializar-se em minério de ferro e soja, puxado pela China, abrindo internamente uma longa discussão sobre o processo de reprimarização da sua economia. Entre 2000 e 2010 o comércio em termos nominais entre os países em desenvolvimento cresceu a uma taxa média de 21.7%, ou seja, acima 14 pontos percentuais mais rápidos do que o comércio entre as economias de alta renda. Hoje, quase metade das mercadorias exportadas pelos países de baixa-renda e um terço das mercadorias dos países de média renda vão para outras economias em desenvolvimento. Não obstante a demanda das economias de alta-renda permanece como a força motora do comércio internacional.

16. World Bank, 2013, p. 85.

A Agricultura representou, entre 2007 e 2011, uma participação do PIB muito diferenciada entre as regiões. Na América latina e Caribe, são 6,3%. No Brasil, 5,5%. No Oriente Médio e Norte da África, 10,5%. Na Ásia do leste e Pacífico, 10,7% sendo que na China 9,5%. Na África Sub-Saariana, 11,2. Na Europa e Ásia central, 7,2%.

Na Índia a agricultura conta ainda 17.2% do PIB do país e 52% dos trabalhadores são dependentes do emprego na agricultura.

Entre os **indicadores sociais**, início por aqueles que representam população, expectativa de vida, Mortalidade infantil e acesso a água potável.

Tabela 6 - Indicadores de Desenvolvimento Social

Países	População (x 1.000) 2011	Expectativa de Vida/Anos 2010	Mortalidade Infantil até 5 anos de idade/ mil nascidos /2011	Acesso a Água potável (% população) 2010
China	1.344.13	73	15	91
Índia	1.241.49	65	61	92
Brasil	196.66	73	16	98
Federação Russa	141.93	69	12	97
México	114.79	77	16	96
África do Sul	50.59	52	47	91
EUA	311.59	78	8	99

Fonte: Atlas of Global Development 2013/World Bank

Impressiona na tabela acima as baixas expectativas de vida na África do Sul, sobretudo, mas também na Índia e na Rússia, sendo este último um país que apresenta taxas de alfabetização e de renda muito próximas a países de alta renda. Na Índia, a mortalidade infantil é clamorosa, o que contrasta com os dados relativos a potabilidade da água, que é relativamente alta e sabe-se que é um vetor de doenças. Este indicador também é grave na África do Sul.

A **desigualdade**, medida como razão da renda ou da participação no consumo dos 20% mais ricos com o consumo dos 20% mais pobres, tem os seguintes dados:

Tabela 7 - Países com as mais altas taxas de desigualdade: Países com População acima de 1 milhão

Ordem	Países	Ano	Razão da desigualdade
1º	Honduras	2009	30
2º	Bolívia	2008	28
3º	África do Sul	2009	25
4º	Brasil	2009	21
5º	Colômbia	2010	20
6º	Guatemala	2006	20
7º	República Centro-Africana	2008	18
8º	Paraguai	2010	17
9º	Panamá	2010	17
10º	Zâmbia	2010	17

Fonte: Atlas of Global Development 2013/World Bank

A tabela evidencia que uma razão equivalente a 10 pontos quer dizer que os 20% mais ricos da população recebem 10 vezes mais aqueles 20% mais pobres. Em Honduras, portanto, os 20% mais ricos recebem 30 vezes mais que os 20% mais pobres do país. Outro comentário é que entre os 10 países mais desiguais no mundo, América Latina e o Caribe têm 7 países incluídos nesta perversa relação. O Brasil inclusive. A Índia que apresenta o maior quantitativo de pobres no mundo, têm uma taxa de distribuição de renda bem menos desigual que o Brasil.

Desde o final dos anos 1990, a desigualdade de renda, medida pelo coeficiente de Gini tem aumentado em quase metade dos países em desenvolvimento, mas a tomar os indicadores elencados por Joseph Stiglitz¹⁷(2012) em seu último livro, o país mais rico do mundo, os Estados Unidos, também tem ampliado a desigualdade entre a sua população.

17. Stiglitz, 2012, p. 2-3.

Joseph Stiglitz¹⁸ fala sobre o crescimento da desigualdade de renda e da riqueza nos Estados Unidos nos últimos trinta anos e é ainda mais incisivo do que Paul Krugman. Diz Stiglitz logo no prefácio, e em tom quase bombástico que “existem momentos na História quando as pessoas em todo o mundo parecem levantar-se para dizer que algo está errado”. Seus dados são contundentes sobre os efeitos de políticas econômicas que geraram desigualdade de renda e riqueza nos Estados Unidos após os anos 1980; que há trinta anos atrás os 1% das maiores rendas entre os americanos recebiam *apenas* 12% da renda nacional e, em 2007, passaram a perceber 65% do total do ganho nacional dos rendimentos. A renda de um trabalhador masculino típico de tempo integral estagnou por mais de um terço de século.

18. Costa Lima, 2013.

A desigualdade de renda, de oportunidades têm-se mostrado como um grande desafio para os países em desenvolvimento, mormente aqueles que seguiram mais à risca o padrão do Consenso de Washington. Como afirma o *Atlas*¹⁹, circunstâncias pessoais de nascimento, de gênero, raça, etnia, lugar, riqueza, educação, entre outros, estão todos associados com o nível de acesso necessário para uma vida produtiva, como ter água potável, saneamento, eletricidade, segurança contra a violência, nutrição, entre outros aspectos que conformam a pobreza e a exclusão.

19. World Bank, 2013, p. 22

No que diz respeito à **pobreza**²⁰, ela está por toda a parte. Na saúde e na falta de educação formal que permitem aos pobres uma inserção melhor no mercado de trabalho. A pobreza se encontra também onde os recursos ambientais são dilapidados, esbanjados ou esgotados; onde o mau uso dos recursos públicos e a corrupção impedem as obras de infraestrutura que podem melhorar a condição das populações mais necessitadas; onde falta redes amplas de proteção e segurança social, a exemplo dos jovens em ambientes de favelas que vivem ameaçados pelo narcotráfico ou o comércio de armas.

20. World Bank, 2013, p. 28

O Banco Mundial em seu último *Atlas*, diz que há menos pessoas vivendo na extrema pobreza entre 1981 e 2008, considerando esse critério um valor monetário equivalente a até 1,25 dólar/ dia. Apesar disto, o fenômeno é desigual e ainda há mais de um bilhão de pessoas no mundo vivendo em necessidade, pois o número de pessoas vivendo com renda entre 1,25 dólar/dia e 2 dólares/dia cresceu. O quadro por regiões do mundo indica que na América latina e Caribe houve uma queda de 53 milhões de pessoas em extrema pobreza em 1990 para 37 milhões em 2008. Essa foi uma das regiões bem sucedida no combate a extrema pobreza. Na Ásia do Leste e Pacífico esses números caíram de 926 milhões em 1990 para 284 milhões em 2008, refletindo a queda ocorrida, sobretudo, na China. A Ásia do Sul passou de 617 milhões em 1990 para 571 milhões em 2008. Infelizmente, na África Sub-Saariana a extrema pobreza cresceu, passando de 290 milhões em 1990 para 386 milhões em 2008.

A Índia é o campeão entre os países vivendo com menos de 1,25 dólar/dia, com um impressionante número de pessoas, entre 2005 a 2010 de 568 milhões.

Para concluir esses indicadores apresentarei aqui duas **questões ambientais** de grande magnitude, os dados sobre proteção e cobertura de florestas, o alto consumo de energia e o efeito estufa.

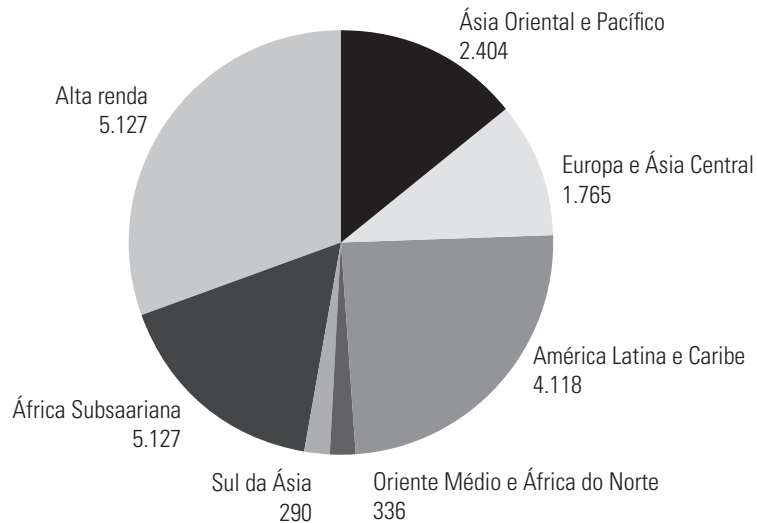


Gráfico 1 - Distribuição de área de terras protegidas (em milhares de km²)

Fonte: United Nations Environment Programme; World Conservation Monitoring Centre and World Bank estimates

Entre os países da América latina e da África Sub-Saariana, juntos, estão as maiores áreas de terra protegidas. Já no Gráfico 2 constata-se que quase 75% de todas as áreas de florestas estão nos países em desenvolvimento.

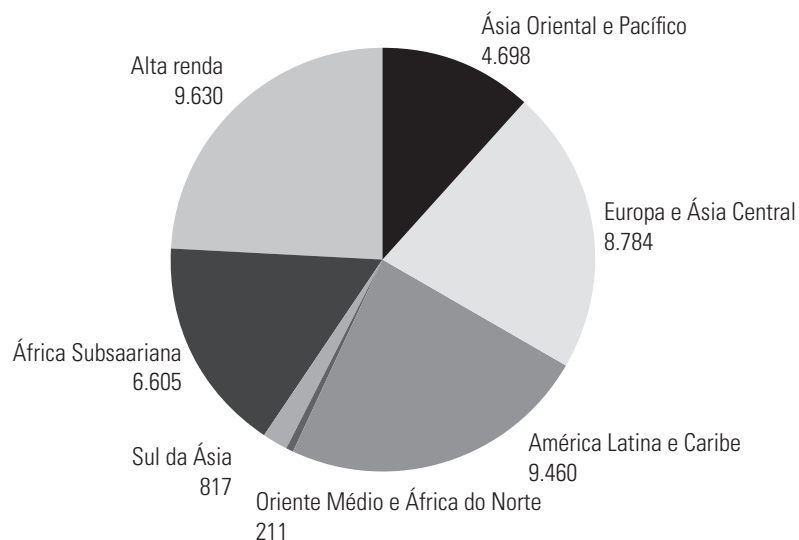


Gráfico 2 - Cobertura de florestas regionais.

Fonte: Food and Agriculture Organization and World Bank estimates.

A questão do consumo energético é uma questão central que incide principalmente sobre o efeito estufa. A Tabela 8 apresenta os 10 países com maior consumo energético.

Tabela 8 - Países com mais altos consumos de energia em 2009

Ordem	País	Milhões de toneladas métricas equivalentes a óleo
1º	China	2.257
2º	EUA	2.163
3º	Índia	676
4º	Federação Russa	647
5º	Japão	472
6º	Alemanha	319
7º	França	256
8º	Canadá	254
9º	Brasil	240
10º	República da Coreia	220

Fonte: Atlas of Global Development 2013/World Bank

Vê-se que a China, sobretudo pelo carvão, e os EUA são, de longe, os dois maiores consumidores de energia do planeta. Os países que compõem o fórum BRICS, somados, também são grandes consumidores de energia e, portanto têm uma responsabilidade acrescida no que diz respeito ao aquecimento global.

Com relação ao **efeito estufa** as maiores emissões entre 1990 e 2008 estão distribuídas, precipuamente nos países em desenvolvimento, à exceção dos Estados Unidos da América. São os países asiáticos e o do Oriente Médio, os maiores responsáveis pelo efeito estufa, notadamente a China e a Índia. Contudo, em conjunto, são as economias de alta renda que emitem 4 vezes mais dióxido de carbono por pessoa do que as economias em desenvolvimento.

As concentrações de dióxido de carbono na atmosfera – que representam cerca de 75% do efeito estufa – tem crescido de 280 partes por milhão no período pré-industrial para 390.4 em 2011. Um aumento de mais de 39% e que atingirá, muito seguramente, dado o nível de consumo, 400 em 2016²¹.

21. World Bank, 2013, p. 127

Tabela 9 - Países de Maiores Emissões/ 1990-2008

Ordem	País	Crescimento das emissões em dióxido de carbono / em milhões de toneladas métricas de óleo
1º	China	4.571
2º	Índia	1.052
3º	EUA	582
4º	Irã	311
5º	República da Coreia	265
6º	Indonésia	256
7º	Arábia Saudita	219
8º	Tailândia	190
9º	Brasil	184
10º	Malásia	152

Fonte: Atlas of Global Development 2013/World Bank

A Índia entre o crescimento econômico e o aprofundamento da pobreza e da desigualdade

O economista indiano Amit Bhaduri²² (2009) inicia seu livro com uma sensação de desconforto de que, em que pesem os aparentes sintomas de saúde, sobretudo insinuados pela mídia ocidental, que o País vive

22. Bhaduri, 2009.

uma intensa fragmentação e aponta para uma séria doença que se espalha rapidamente pela economia e política. Diz ele que muitos indianos foram gradualmente forçados a aceitar o fato de que nenhum dos atuais partidos políticos, tem a intenção de trazer a democracia econômica mais perto da democracia política para a maioria dos cidadãos indianos. Para ele, vive-se no País a ilusão do desenvolvimento econômico que serve apenas para dar continuidade à legitimação do sistema. Os pobres, não mais esperam por soluções e não mais se iludem com a apregoada prosperidade criada pela articulação estreita entre as grandes empresas, os políticos, o grande negócio, a mídia e a intelligentsia. Porque a experiência de vida tem demonstrado que o *status quo* não apresenta nenhuma solução a seus problemas. Ao contrário, os acentua através de decisões equívocas em nome do desenvolvimento.

23. Linklater, 2011.

Do ponto de vista da classe dominante, e aqui Badhuri pensa semelhante ao nosso romancista autor do *Tigre Branco*: o desenvolvimento da política na democracia indiana tem sido reduzido a um cálculo efetuado para maximizar, para os ricos, os benefícios deste desenvolvimento, independente do que venha ocorrer com a maioria pobre da população. Portanto, do lado dessa ampla maioria despossuída e desprivilegiada, também se produz um cálculo que surge da pobreza, sobre como minimizar os *danos*²³ causados pelos ricos em nome da governança e deste tipo de desenvolvimento.

O esforço do economista indiano é uma tentativa de entender com maior clareza os aspectos econômicos e políticos do grande drama que se apresenta hoje na Índia. A primeira e mais contundente assertiva de Badhuri é a de explicar como a teoria econômica mantém a forma de uma disciplina acadêmica e se torna em uma poderosa ideologia cujo conteúdo está a serviço das classes dirigentes. Neste ponto, as críticas do autor à liberdade de mercado e à dependência de consultores, sobretudo norte-americanos, que preparam relatórios em favor do grande capital, são agudas. A segunda assertiva é ainda mais forte, quando se refere à prática quase sistemática de terrorismo do estado sobre os pobres em diversas regiões do país. A terceira, se debruça sobre a natureza da alta performance de crescimento indiano nos últimos vinte anos, que em linhas gerais apresenta uma constante piora nos níveis de distribuição de renda, onde $\frac{3}{4}$ da população do País tem reduzido seu poder de compra. O alto crescimento econômico na Índia tem sido mantido pela criação de um mecanismo mutuamente ativo, que reforça as altas rendas e, ao mesmo tempo, a crescente desigualdade de renda. Este processo, para o economista, está criando seu próprio demônio: uma rica classe média que se destaca da pobreza majoritária no país. Em que pese um crescimento econômico próximo dos dois dígitos por mais de uma década e meia, estimativas sugerem que mais de um terço da população da Índia vive em condições de pobreza absoluta. Quase 42% da população da Índia é absolutamente pobre, considerando os padrões internacionais de renda, equivalentes ao 1 USD *per capita* dia. Mais de $\frac{3}{4}$ da população indiana tem um poder de compra menor do que 20 rúpias dia²⁴.

24. Um dólar americano vale aproximadamente 61,45 rúpias.

25. Badhuri, 2009, p.30.

Quase metade das crianças da Índia estão desnutridas²⁵. A situação do saneamento básico é precária no país e, ainda mais no meio rural. A falta de água potável tem sido um dos motivos centrais da alta mortalidade infantil. Há um ritmo decrescente no emprego regular. O emprego no setor

organizado na última década cresceu apenas 1%, enquanto a média de crescimento do produto do País cresceu entre 6 a 7% em produtividade, o que Fernando Fanjzylber²⁶ chamava de “produtividade espúria”, elemento forte do caráter truncado e alterado do padrão industrial dos países centricos.

Alguns exemplos são relevantes: a empresa Tata, um dos maiores conglomerados do País, reduziu o número de seus trabalhadores na cidade de Pune, de 35.000 para 21.000, mas cresceu a produção de veículos de 129.000 para quase 312.000 entre 1999 e 2004. Conforme o Relatório Econômico do Governo da Índia (2006-2007), o emprego total no setor organizado declinou de 28.2 milhões em 1997, para 26.4 milhões em 2004. Outro número significativo, por se tratar da Agricultura, que ainda dá emprego a grande parte dos trabalhadores na Índia, aproximadamente 110 milhões destes trabalhadores (de um total de da força de trabalho de 400 milhões), encontraram emprego por 209 dias em 2004-2005, se comparados aos 220 dias em 1999-2000²⁷.

A Tabela 10 abaixo indica a taxa de crescimento do emprego nas áreas urbanas e rurais de 1983 a 2010

Tabela 10 - Índia. Evolução do Emprego de 1983 a 2010

Período	Crescimento do Emprego %	
	Rural	Urbano
1983 a 1987-8	1.36	2.77
1987-8 a 1993-4	2.03	3.39
1993-4 a 1999-2000	0.66	2.27
1999-2000 a 2004-5	1.97	3.22
2004-5 a 2009-10	-0.34	1.36

Fonte: “Inequality in Índia: A survey of recent trends. Parthapratim Pal e Jayaty Ghosh

São duas as principais diretrizes do governo indiano que tornaram suas políticas deletérias para a maioria da população pobre do País: i) lenta absorção do emprego regular; ii) o estilo do governo que tem reduzido os gastos com saúde, educação e previdência social, ao mesmo tempo em que amplia os privilégios para as grandes corporações, a exemplo da compra de terras pelo governo com objetivos de mineração, indústria e para a criação de zonas econômicas, sem cuidado com a pequena produção rural que faz a sobrevivência de boa parte da pobreza indiana. Esses, não são privados apenas da terra, mas do usufruto das terras comunais onde antes podiam criar alguns animais, retirar madeira das matas e alimentos dos rios. Essas medidas têm provocado o suicídio em massa de pequenos fazendeiros, de que nos fala Vandana Shiva na abertura desse trabalho. Os movimentos *naxalitas*²⁸ que surgiram em diversas áreas rurais do País estão respondendo à falta de atenção ao homem do campo. O mapa apresentado abaixo, expressa a extensão e impacto do problema.

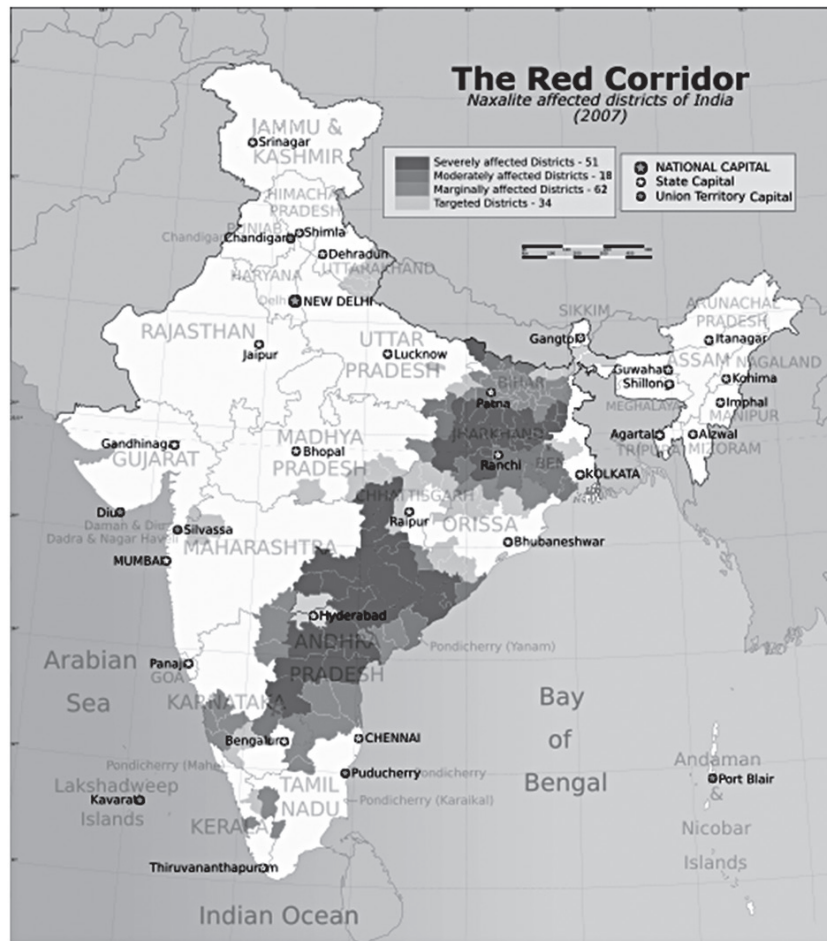
Conclusões

Este artigo procurou evidenciar que a Índia, a partir de 1991, adotou um modelo de crescimento que é excludente, que concentra renda nas esferas nas esferas das elites econômicas em detrimento do conjunto da população do País. A preocupação do governo central e a maioria dos

26. Fanjzylber, 1983.

27. Badhuri, 2009, p.33.

28. A palavra *Naxal*, *Naxalita* ou *Naksalvadi* é um termo usado para se referir a grupos de militantes comunistas que atuam em diferentes partes da Índia. Nos estados do leste da Índia continental (Bihar, Bengala Ocidental e Orissa), são geralmente conhecidos como tal, ou se referem a si mesmos como os maoístas, enquanto nos estados do sul como Kerala são conhecidos sob outros títulos. Eles foram declarados como uma organização terrorista no âmbito das Lei contra (Prevenção) das atividades ilegais da Índia. O termo “Naxal” deriva do nome da vila Naxalbari, estado de Bengala Ocidental, onde o movimento teve sua origem. O Naxals são considerados comunistas radicais de extrema-esquerda, de apoio político e ideologia maoísta. Sua origem se deu em 1967, com a ruptura no seio do Partido Comunista da Índia, criando-se então o Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista). A partir de Bengala Ocidental o movimento difundiu-se por zonas rurais menos desenvolvidas da Índia Central e Oriental: Chhattisgarh, Orissa e Andhra Pradesh, através das atividades de grupos clandestinos, liderados pelo Partido Comunista da Índia (Maoísta). A partir de 2009, os naxalitas eram ativos em cerca de 220 distritos em vinte estados, que representam cerca de 40 por cento da área geográfica do País. Eles se concentram especialmente em uma área conhecida como o “Corredor Vermelho”, e chegam a controlar uma área equivalente a 92.000 quilômetros quadrados. Segundo a agência de inteligência da Índia, o Research and Analysis Wing, 20.000 dirigentes naxalitas armados estavam operando, além de 50.000 dirigentes regulares. A crescente influência do movimento fez com que o primeiro-ministro indiano Manmohan Singh os declarasse a mais grave ameaça interna à segurança nacional da Índia.



governos estaduais que seguem as diretrizes liberais têm reduzido as possibilidades de maior autonomia para os governos locais, privilegiando a abertura econômica para a entrada de capitais internacionais e trabalhando na direção de uma modernização conservadora, que reduz os gastos públicos para setores estratégicos ao bem estar da pobreza. Não será possível dar continuidade a tal modelo, a não ser ao custo de um aprofundamento das crises sociais e das revoltas contra o status-quo, fragilizando o processo democrático de que tanto se orgulham os indianos, pela falta de confiança nos políticos e na alta política.

Conforme Deepankar Basu e Debarshi Das²⁹ afirmam,

29. Basu & Das, 2012.

“O governo indiano tem se movido precisamente na direção oposta: está implementando uma redistribuição regressiva (isto é, tomando dos pobres e dando aos ricos) e está reduzindo o emprego no setor governamental (...) Comparado às décadas iniciais após a independência, o crescimento das manufaturas vem caindo. É o setor de serviços – como a finança, os seguros, o imobiliário, transporte e o setor bancário – que estão puxando o crescimento indiano”. (Basu & Das, 2012)

Em particular, o crescimento da produção de grãos tem sido tão baixo que tem ficado abaixo do nível do crescimento populacional.

Existe evidências de que o processo de crescimento na Índia foi amplamente sustentado por gastos dos ricos e das classes médias os quais, por sua vez, foi apoiado pelo fluxo de capital externo. Com a crise finan-

ceira global contribuindo para a redução destes fluxos internacionais para a Índia, o processo de crescimento do País parece ter encontrado um sério obstáculo. Para enfrentar o problema, o governo tem adotado medidas que irão agravar ainda mais as condições dos trabalhadores, pela redução das oportunidades de sobrevivência.

Do ponto de vista político, segundo Ramachandra Guha³⁰ (2010), tanto a classe política está se tronando mais e mais corrompida, quanto o Estado mais ineficiente. As coalizões multipartidárias, que já são a norma ao nível do governo central, se tornarão mais presentes nos Estados da federação. Isto tem um preço, pois ao aderirem a uma coalizão liderada por um dos grandes partidos, as formações menores exigirão em troca os Ministérios mais lucrativos. No atual fragmentado cenário político, as políticas de “*busca de interesses*” (rent-seeking) no curto prazo, estão tendo precedência sobre qualquer formulação de política de longo prazo. É o que parece estar acontecendo tanto na esfera dos governos estaduais quanto na esfera central.

O problema da corrupção política não é apenas um problema da Índia, mas um problema mundial da política contemporânea, mas adquire nesse País uma dimensão larvar crítico, tendo em vista sua amplitude e a gravidade das disparidades sociais. A ‘corrupção’ representa uma subversão ainda mais pernicioso do estado indiano, tendo em vista um número substancial de criminosos violentos que estão a ser conduzidos ao parlamento desde os anos 1970, o que tem enfraquecido a fé popular nas instituições de governo.

Segundo Andrew Sanchez³¹ (2010), as atuais relações entre políticos e a criminalidade é consequência de uma cultura de corrupção empresarial que tem aderido a um cargo público indiano. Enquanto o mandato parlamentar permanecer como uma profissão lucrativa, ela continuará a atrair indivíduos cujas ambições se estendem muito além dos confins de sua posição, e cujos meios de satisfazê-los incluem amplamente a coerção. Não são outras as metáforas introduzidas pelo romancista Aravid Adiga.

Na Índia, escândalos públicos dos últimos vinte anos, que ligam vários políticos eleitos e ministros do governo a repetidos atos de corrupção parlamentar, peculato, confisco de terras, chantagem, extorsão, seqüestro e assassinato, servem para minar a premissa de autoridade política legítima e da eficácia das urnas. Enquanto a corrupção nas suas diversas formas tem impedido o funcionamento adequado das instituições, a preponderância de políticos criminosos corrompe em muito a noção de Estado responsável e democrático em que a idéia da Índia repousa.

Dos últimos 543 representantes eleitos da Câmara, 158 (29 %) são atualmente acusados de um delito criminal. Mais chocante ainda quando 74 (14 %) são acusados de crimes em categorias mais graves: assassinato, estupro, extorsão, banditismo e roubo. A distribuição de processos criminais no parlamento é ponderada em deputados que representam os partidos menores, cujas bases de apoio dependem a política de casta e do etno-regionalismo.

Segundo Andrew Sanchez, entre os dois maiores partidos, o Partido do Congresso, cuja ideologia é de um Estado secular socialista, tem 5 % dos seus 205 deputados atualmente enfrentando acusações, enquanto

30. Guha, 2010..

31. Sanchez, 2010.

o Bharatiya Janata Party, representando uma ampla plataforma do nacionalismo hindu, 16% de seu 116 MPs na mesma situação. Na outra extremidade do espectro estão os partidos regionais e os partidos Samajwadi Bahujan Samaj, que representam predominantemente os interesses dos intocáveis (Dalits), que têm 60 % dos seus deputados implicados.

Concluindo, são sete os desafios mais prementes da Índia hoje em dia: 1) o desafio dos Naxalitas; 2) a presença insidiosa dos Hindutvawadis; 3) a degradação de uma esfera política que já foi liberal e justa; 4) o fosso crescente entre ricos e pobres; 5) a banalização da mídia, completamente atrelada aos interesses corporativos e dos partidos políticos; 6) a insustentabilidade, no sentido ambiental, dos padrões de consumo dos recursos; 7) a instabilidade e a incoerência política causada por coalizões multipartidárias de governos; a corrupção larvar. São essas as sete razões e desafios que fizeram Ramachandra Guha³² afirmar que, sem superá-los a Índia não se tornará um super poder, como está fazendo a China, que vem a trinta e cinco anos promovendo suas transformações estruturais.

32. Guha, 2010..

O trecho de Rabindranath Tagore, a quem foi outorgado o prêmio Nobel da literatura em 1913, diz talvez do drama vivido pelo povo indiano nos dias que correm:

“...e eu sinto que aquilo que sofremos no presente não é outra coisa senão a calamidade, aquela que vem da escuridão, do isolamento, quando perdemos a oportunidade de oferecer hospitalidade a Humanidade, de convidar o mundo a compartilhar o melhor que temos”. (Tagore, 2005, p.94.)

As palavras de Tagore foram esquecidas pela classe dirigente na Índia, pois para ele, aquele que tem o conhecimento tem a responsabilidade de compartilhá-lo, com os que mais precisam³³.

33. Tagore, 2005, p.94.

Referências

- ADIGA, Aravind. *O Tigre Branco*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BADHURI, Amit. *The face you were afraid to see*. Essays on the Indian economy. New Delhi: Penguin Books, 2009.
- BAIROCH, Paul. *International Industrialization Levels from 1750 to 1980*. Journal of European Economic History, v. 11. n. 11, p.161-182, 1982.
- BAIROCH, Paul. *The main trends in national economic disparities since the Industrial Revolution*. In: BAIROCH, P; LÉVY-LEBOYER, M. (org) *Disparities in Economic Development since the Industrial Revolution*. London: Macmillan, p. 3-17, 1981.
- BASU, Deepankar; DAS, Debarshi. *Farmer Suicides: A First-hand Report from Karnataka*. In: Sannhati, 2012.
- BOILOT, Jean-Joseph. *L'économie de l'Inde*. Paris: La Découverte/Collection Repères, 2006.
- COSTA LIMA, Marcos. *O Humanismo Crítico de Edward W. Said*. In: Lua Nova, n.73, p. 71-94, 2008.
- COSTA LIMA, Marcos (Org.), *Política Internacional Comparada: O Brasil e a Índia nas novas relações Sul-Sul*. São Paulo: Alameda Editora, 2012.
- COSTA LIMA, Marcos. *Reflexionando Sobre Globalización y el Nuevo Orden Mundial*. In: Puente@Europa. Buenos Aires: Universidade de Bologna, n.1, p. 35-43, 2013.
- DATT, G.; RAVAILLON, M. *Is india economic growth leaving the poor behind?*. Journal of Economic Perspectives, v.16, n.3, p.89-108, 2012.
- FANJZYLBBER, Fernando. *La industrialización trunca de América Latina*. Ciudad de México: CET, 1983.

- SITGLITZ, Joseph E. *The Price of Inequality: how today's divided society endangers our future*. New York: W.W.Norton & Company, p. ix-2-3, 2012.
- KINGDON, Geeta Gandhi. *The progress of school education in India*. Oxford: Global Poverty Research Group, 2007.
- LINKLATER, Andrew. *The Problem of Harm in World Politics*. Theoretical Investigations. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- MARX, Karl. *La revolución en China y Europa*. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre El Colonialismo*. Córdoba: Cuadernos Pasado y Presente, 1973.
- MARX, Karl. *La Dominación Británica en La Índia*. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre El Colonialismo*. Córdoba: Cuadernos Pasado y Presente, 1973.
- METCALF, Barbara D; METCALD, Thomas R. *A Concise History of Índia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2011*. New York: UN, 2011.
- RAMACHANDRA, Guha. *Corruption in India*. In: *India the next Superpower?* London: LSE. Ideas, 2010.
- SAID, Edward, *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANCHEZ, Andrew. *Democracy*. In: *India, the next Superpower?* London: LSE Ideas, 2010. PÁGINA
- TAGORE, Rabindranath. *Gitanjali*. New Delhi: Rupa & Co, 2005.
- UNDP [United Nations Development Programme]. *Human Development Report 1999*. New York: Oxford University Press, 1999.
- WORLD BANK. *Atlas of Global Development. A visual Guide to the worlds greatest Challenges*. Washington DC: World Bank, 2013.

